

# JORNAL

BRASILEIRO

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrac-se na ultima pagina

## MODAS.



Prometti em o numero passado apresentar-vos successivamente os figurinos que em Pariz vai publicando todas as semanas o MONITEUR DE LA MODE, a fim de que não appareça elle aqui no Rio de Janeiro mostrando-vos de preferencia as estampas que ao depois o JORNAL DAS SENHORAS vos tem de offerer; espero em Deus e na confiança que deposito na minha amiga Redactora em chefe, que poderei sustentar esta minha promessa como até ao presente tenho feito.

Desta vez é uma estampa de fantasia, representando um baile de crianças, com a qual começo a publicação no mez de Abril.

Em o n. 5 deste Jornal, não sei se estais certa, ja fallei á cerca destes bailes, e se me não engano expendi o meu parecer em favor deste divertimento de tanta alegria para os meninos, e tão util ás vantagens de sua educação e aos seus futuros habitos de viver em sociedade — Se quereis reformar costumes, dizia-me uma tia que tive de muita instrucção, principiai por educar para esse fim a mocidade — E assim é.

Ve-se na Europa um modo de querer bem aos filhos todo differente do nosso e que muito me agrada. Ha uma certa attenção em termos, um cuidado especial em guardar religiosamente certos

e determinados principios de educação, certas e determinadas conveniencias que só dizem respeito ás crianças, e que as conservão, sempre como crianças, mas com um tal qual privilegio e senhorio aos seus divertimentos, que ellas, ao chegarem aos seis annos de idade, sabem logo que lhes pertencem, contão com elles todos os annos, alegrão-se á sua chegada, e brincão, brincão, a nao poder mais. Já sabeis que estas crianças são crianças até mui tarde, por esta razão que as educa e as encaminha gradualmente aos gosos da sociedade segundo o numero de annos que vai tendo cada uma.

Bem longe, que os meninos de seis annos se lembrem de ir com o papai ao baile de formalidade ou ás festas solemnes: ficão bem contentes em casa com a criada que os pensa: nunca chorão, nem sapateião de raiva quando a mamãe vai a visitas ou vai á missa. Isto entendo eu que é educação.

Mas o meu artigo é de modas.

Estão pois os nossos pequenos, fervendo de contentes, dentro já do salão do baile. Elles chegão em grupo á porta do toucador, onde se acha uma elegante menina de doze annos talvez para acertar melhor a linda rosa que traz ao lado esquerdo da cabeça, não olhão ainda para estas cousas, e pois vão entrando e saltando e tomão conta do toucador.

Descrevamos em primeiro logar o simples e gracioso *toilette* da elegante menina.

Traja um vestido de tafetá branco com dez ordens de folhos estreitos fortemente franzidos. Corpinho decotado, revestido de uma modestia afogada de cambraia encrespada, formando-lhe o cabeção uma larga fita branca que vem fechando sobre a cintura e se desprende em duas pontas compridas e talhadas. Em meio deste cabeção tres ramos de botões de rosa enfeitão a frente do corpinho, o qual é acompanhado de mangas curtas lisas e estreitas. Penteado á Stuart com a trança dividida formando dous longos canudos. Uma rosa com folhagem é o unico enfeite de cabeça.

Mas agora olhai para a vossa esquerda, reparai n'aquella figurinha esturdia, de jaqueta verde, calças côr de canna, cabelleira branca e corredia, que gravatão! como está importante! Pois é um *Incredible*, um elegante do tempo do antigo imperio: é sem tirar nem pôr um *Dendi*, um *Leão*, ou como quizerem chamar aos elegantes de hoje. Antigamente chamavão-se *Incredible*, que quer dizer — incrível! Ora ahí tendes a publica fórma em miniatura dos *Incríveis* d'aquelle tempo.

Adiante do *Incredible* está uma menina mui bem vestidinha; mas o seu vestuario é totalmente fantasia moderna. Ella quer retirar a bandeijinha de bolinhos para offerecel-a á menina mais velha; porém o Sr. Juiz ordinario embargou-os por não virem em papel selado.

Reparai para o *Bailli*, o Sr. Juiz ordinario dos bons tempos. Como ficou esturdia aquella linda carinha, de sobranceiras pintadas, com aquella reverenda cabelleira de cachos! Parece que o Sr. Juiz altamente reprova a falta de formalidades judicias na confeição dos bolinhos, e em breve os fará entrar para o deposito do estomago, sem appellação nem agravo.

A *Bernoise*, aquella outra menina que lhe fica á direita, como está a character, pôz a delicada mãozinha sobre os bolinhos e pretende com as suas bôas graças enternecer ao inflexivel Juiz; mas *M<sup>r</sup>. Balli*, vejo-o com poucas disposições de marear a sua dignidade, não cede á vista da solicitude com que o seu estomago advoga a causa da justiça.

*Osmanlis*, mahometano de poucas graças, em um baile de christãos, está indifferente a tudo quanto ao redor d'elle se passa. Não se mette com ninguém. Todo entregue á taça que tem na mão, elle assopra o liquido com cuidado até poder sorvel-o a seu modo. Parece que se o interromperem tingirá de sangue o seu alfange no peito do temerario que tal fizer.

É um pecurrucho, querida leitora; como está engraçadinho! Com permissão de *M<sup>r</sup>. Bailli*, declaro que estou apaixonada pelo turco, *M<sup>r</sup>. Incredible!*

1 de Abril.

Christina.

## O Baile do Senado Francez.

A festa offerecida hontem á noite pelo senado á Suas Magestades coroou dignamente os bailes officiaes de 1853. Uma animação extraordinaria rei-

nou durante toda a tarde e toda a noite no bairro *Saint-Germain*, que parecia renascer aos bellos dias de seu esplendor. O palacio de Maria de Medicis, magnificamente illuminado por fóra, patenteava-se de longeradiante de luz. O numero dos convidados era tão grande, que muitas fileiras de carros, estendendo-se em distancias consideraveis, desenhavão-se em roda desse palacio, em um espaço immenso. Depois de haver deposto no pateo de honra as pessoas que conduzião, ião arrumar-se até a praça do Pantheon e a praça de Saint-Sulpice.

Havia por toda a parte um movimento e uma bulha, que davão a todo aquelle quarteirão, ordinariamente tão calmo e solitario, um novo aspecto.

Já dissemos, que os membros do corpo diplomatico devião ser apresentados á Sua Magestade a imperatriz durante a noite. Essa apresentação teve com effeito logar ás nove horas, no palacio das Tulherias. Em seguida dirigirão-se todos, em corporação, ao palacio do Luxemburgo, assim como os ministros, os grandes dignitarios e os marechaes; Suas Altezas imperiaes, o principe Jeronimo Napoleão, o principe Napoleão e a princesa Mathilde chegarão igualmente antes das dez horas a esse baile, a que assistirão o principe Luciano Bonaparte, a princesa Camerata, a condessa Montijo, todos os membros do senado, do corpo legislativo, do conselho d'estado, assim como todas as notabilidades da administração, da magistratura, do exercito, das artes, das sciencias, das letras, do banco e da industria.

Entrando-se no pateo de honra, ficava-se primeiramente encantado pelos sons de uma orchestra collocada na grande escada ricamente decorada de tapetes, de flores naturaes, e illuminada *à giorno* por um numero consideravel de lampadas engenhosamente destribuidas no meio de montões de verdura, que duplicavão seu effeito pelo contraste. Chegava-se emfim ao lumiar da festa, e depois de haver atravessado dous pequenos salões, achava-se de repente em frente da sala do throno, no fundo da qual avistava-se o estrado reservado para Suas Magestades, os principes, os ministros, os embaixadores, os dignitarios, os marechaes e as senhoras da côrte.

Sobre esse estrado, ao qual se chegava por muitos degrausinhos, e que estava coberto de ricos tapetes, havia-se disposto no centro um soberbo docel de veludo escarlate, semeado de abellas d'ouro, como toda a decoração-daquella parte da sala contignua aos salões do museo. O docel, tendo em cima uma corôa imperial de ouro, era sustentado por seis cariatides douradas, duas no fundo, duas de cada lado.

Por traz do docel, á direita e á esquerda, ião as sancfas ligar-se, em cada extremidade do estrado, á uma columna dominada por uma aguia colossal com asas abertas. As aguias e as columnas erão douradas como as cariatides do docel. Sob esse docel havião-se collocado duas poltronas para Suas Magestades. Sobre essas poltronas notava-se uma aguia bordada em ouro e rodeada de uma folhagem do mesmo metal sobremontada da corôa.

A sala do throno apresentava uma perspectiva magica. Era uma immensa galeria, que reunia a an-

tiga sala do Imperador, á antiga sala das sessões do senado e um outro grande salão. Nada tão magnifico e deslumbrador como essa galeria, que, em toda a sua extensão, achava-se contornada de uma quadruplicada fileira de assentos dispostos em amphitheatro, guarnecidos de senhoras cujos *toilettes* rivalisavão em riqueza, gosto e elegancia.

Uma innumera quantidade de velas de espermacete collocadas em grande porção de lustres e candelabros que servião igualmente de ornar aquella magica galeria, diffundia nella ondas de luz. Em roda dos vatos espelhos que decoravão a sala do baile, dissimulando as janellas da galeria, desenrolavão-se grinaldas de flores, de folhas e de camelias, de um aroma delicioso; folhagens verdes guarnecião as estatuas, collocadas de distancia em distancia em roda de toda a sala; no alto, o cimo das portas lateraes era ornado com cestas de flores: occupavão o meio da galeria canapés grandes, ornados de jardineiras; do centro elevava-se, do meio de uma bacia de verdura, uma fonte de um effeito encantador, coroada de uma duplicada grinalda de rosas, donde partião muitos repuxos. É em frente dessa fonte que se achava collocada a orchestra.

Na entrada de Suas Magestades, essa orchestra, composta de cem musicos dirigidos pelo celebre Strauss, executou a marcha real da Hespanha, que obteve muito feliz exito, e foi repetida muitas vezes durante a noite. Depois o Imperador abriu o baile com a Sra. presidente Troplong, e a Imperatriz com o Sr. conde Regnaud de Saint-Jean d'Angeli. Erão dez horas pouco mais o menos.

Cerca de onze, Suas Magestades fizeram a volta da galeria, no meio das ondas de uma multidão avida de contemplar os traços da imperatriz, e encantada de sua graça e de sua belleza. O seu *toilette* era de uma simplicidade do melhor gosto. Saudava a cada um com uma delicada affabilidade. O imperador estava vestido com a farda de tenente-general, com a grão-cruz da legião de honra.

A nova sala das sessões achava-se guarnecida de magnificos taboleiros de flores e de verdura illuminada por lampadas, que espalhavão em seu recinto uma bella claridade que parecia convidar ao repouso e á conversação. Era ali que se ia procurar a frescura e a calma. A bibliotheca estava igualmente disposta com muito gosto e transformada em um verdadeiro jardim reservado para o passeio e a conversação. Havião somente dous pequenos salões de jogo, e a maior parte das mesas ficãrão constantemente vazias; mas a multidão dos convidados espalhava-se em todos os salões e em todos os corredores, onde tudo só era flores e luzes, bellissimos *toilettes* e brilhantes iniformes.

Bem proximo á bibliotheca se achava o bufete dos refrescos, que não cessou de ser visitado durante a noite. A ceia dos homens foi servida na sala baixa, em uma das galerias do palacio.

A cêa, em que tomárão parte cinco mil convidados, e que foi servida com muita ordem, faz honra ao talento culinario da casa *Potet et Chabat*, que foi encarregada desse cuidado. Ella começou cerca de uma hora, depois da partida de SS. MM., para as quaes havia-se preparado uma mesa na grande galeria do museo.

Foi á essa mesa, que as senhoras tomárão successivamente logar, depois da sahida de SS. MM., que se retirárão um pouco antes de uma hora da madrugada. A vista era encantadora. No centro havião-se disposto de distancia em distancia, immensas e altas cestas de flores do mais bello effeito. Chegava-se ali pelo salão do Imperador, donde se descia por degrãos occultos por traz do estrado sobre o qual se achava o throno.

Esse salão, todo forrado de seda encarnada, havia primeiro sido reservado para Suas Magestades, Suas Altas Imperiaes, ministros embaixadores e os dignitarios. Mas pela volta de duas horas da manhã, todas as senhoras puderão atravessal-o para dirigir-se a galeria do museo, onde ellas devião ceiar. O baile prolongou-se até ás cinco horas da manhã.

(*Constitutionnel.*)



## POESIA.

### NÃO QUERO MORRER.

CANÇÃO Á VARGESIA.

(*Continuação.*)

IV.

Sopêo-se de golpes, mutilados  
Além, na arena, onde os pelouros crusão,  
Exsanges corações... Lá vão, lá correm  
Aguerridos heroes, calcão metralhas,  
Traspassão nuvens de caladas armas...  
Mais indomitos que tigres, de carnagem  
Disputão mil triumphos... lá se cobrem  
De mil laureis, de sangue borrifados....  
*Victoria!* Exclamão, qualha o sangue em jorros  
Por suas dextas, nivelando a terra;  
D'ossada immensa barricadas formão...  
Eil-os chefes das turmas acclamados,  
Eil-os cheios d'orgulho em frente ás turmas,  
Embragados pelo marcio estrondo  
Dos hymnos festivaes, que a soldadesca  
Entõa, acarretando os fragmentos  
Dos estandartes que vencer soberão!...  
A Patria os chama á si, mas n'esse instante  
Consagrado ao regresso, eil-os em furias  
Mordendo a terra, retorcendo as carnes,  
*Traição!* Bradando, agonisando em dôres!....

Porque seus patricios  
Tornárão-se escravos,  
Se expôr fôrão bravos  
Da guerra aos suplicios!...

De tanto lidar  
Que premio lhes coube?  
A fama já soube  
Ao morto animar?

Qu'importa o soffrer  
Que a patria suporte?  
Horror tenho á morte,  
NÃO QUERO MORRER!....

Soberbo rei dos mares, destemido,  
Potente nauta, que o furor das vagas  
Afrontas, e ao destino impões decretos;  
É doce para ti fartar teus olhos  
No funebre apparatus da tormenta!....  
Roto o ceio das ondas vais ao fundo,  
E lá ribomba a tua voz de bronze...  
Em montanhas de fervente espuma  
O espaço medes, topetando os astros,  
E lá devassas o horizonte em trevas...  
Ludibrio d'escarcéos, tu ludibrias  
O brado da equipagem que agonisa,  
*Misericordia*, de terror, bradando!...  
Estridente sorrir, sarcasmo aos raios  
Tranquillo, á face do exterminio soltas...  
Succede á tempestade a doce calma,  
— Victoria! Bradas na efusão da orgia,  
E avante zombas... grata brisa roça  
As moles azas de teu lenho immovel;  
Conjuras a bonança, desesperas  
E vais sonhar, e resonhar co'a patria  
No doce leito ao repousar teus membros!....  
Mal tens sonhado um'ora, eis te despertas  
Para onvir dum clamor gritar-te o echo:  
— Morremos todos, que e ta Não se afunda! —  
E te despertas p'ra sentir teu craneo  
Espedajar se contra a rocha occulta  
Que não previste ao indagar os astros!...  
E tu despertas p'ra dormir um somno  
No pego, eterno, que sulcaste ufano!....

Oh! Tu, que pensaste  
Nos mares abrigo,  
E louco afrontaste  
Tão fero inimigo;  
Porque tanto ouzaste  
Teus feitos maldigo,  
Tu néscio, zombaste  
Da morte o perigo!...

Além destes mares  
Se afflicto a chamar-me  
Está o prazer,  
Prefiro os pesares,  
Não quero arriscar-me,  
**NÃO QUERO MORRER!**....

V.

Momento extremo, eu te conjuro o transe,  
Eterno, imaginando-te infallivel,  
Como ainda tremer não soube a presa  
De ferreas garras lacerada aos tratos!....  
Não quero eterno, recontando os lustros,  
Levar meus dias aos vindouros evos;  
Mas não quero tão cedo atar-me ao poste  
Dos martyrios crucis, onde a materia  
Atassalhada se inanima exsangue!...  
Fervente nestas veias gira o nectar  
Que sinto me escaldar... de vigor cheio  
No peito em fogo o coração me bate...  
Eu te amo assás, Vargesia, e de perder-te  
É tão synistra a idéa, como horrivel  
A de perder p'ra sempre esta existencia!...  
A perspectiva lugubre da campa  
Só basta p'ra incutir-me horrores n'alma....  
Quem jaz no antro seu, mysterioso,

É pasto aos vermes, insensivel, mudo,  
É cego e surdo, não partilha os gozos  
Que amor concede ao coração que anima!...  
Hei já sentido perto de meus labios  
Uns labios contrahir-se, enregellados  
Do morbido suor que lhes gotejão  
Lividas faces de pallor tingidas!  
Hei já tocado macilentos peitos  
Com mão tremente, ao coração buscando  
Em vão, bater que me denote vida!...  
Hei já cerrado palpebras rugosas,  
E visto deslisar-se a gota extrema  
Que ao passamento lagrimeja o morto!  
Ouvido hei já, em descocerto errando  
Truncadas phrases, supplices bradando  
Um' hora mais de vida, embora passe  
Em paroxismos seu correr ligeiro.....

Já sei quanto custa  
Tamanho soffrer,  
A morte me assusta,  
**NÃO QUERO MORRER!**!....

A. J. dos Santos Neves.

**Julia de Fenestranges.**

(Continuado.)

IV.

UMA ALMA CELESTE.

No dia seguinte havia de todo cessado a tormenta. Um sol de raios pallidos, mas brandos e beneficos, parecia querer reanimar toda a terra. Penetrado de uma superabundancia de existencia em tão formoso dia, concebeu o visconde d'Ortignes secretas esperanças, e não hesitou em mandar pedir ao marquez e á sua tia que lhe fizessem a graça de descer por um pouco á sala de visitas reservada. Não tardarão estes em apparecer, bem que um pouco maravilhados do mysterioso convite, sem sentirem todavia inquietação alguma, porque a influencia da gentil manhã lhes havia restituído no animo toda a serenidade. Leoncio, que se havia preparado durante a insomnia da noite para dar começo á importante negociação de que se havia encarregado, sentiu faltarem-lhe palavras á multidão de idéas que o accommettião de chofre; principiou a balbuciar, e sómente se sentiu afoito quando pensou na magnitude dos interesses confiados ao seu zelo. Assentou se pois ao pé do marquez, e tomando-lhe a mão entre as suas com ternissimo respeito:

— Meu tio, lhe disse elle, de V. Ex.<sup>a</sup> depende, que a felicidade baixe de novo á sua casa, e que ella aqui se instaure para sempre.

— E foi para assim gracejares comigo, meu caro Leoncio, que tu me mandastes chamar por embaixador?

— Não é gracejo meu: é um negocio bem serio. Queira meu tio ouvir-me. V. Ex.<sup>a</sup> sabe que a successão dos dias é como uma cadeia de elos que se desenrola, e nos traz de continuo novos e inesperados acontecimentos. A's vezes uma solidão po-



LE MONITEUR DE LA MODE.

*Crochettes et Costumes de la Maison A. Secoy, 27 Boulevard Capucines - Mlle de S. Perrot, 101 rue de la Bourse, 12 - C. Lippes des Filles de France, rue Lavoisier et rue Richelieu - Byous en Cheveux de Bonhomme et C<sup>o</sup> rue du Coy - Mlle de M. Hippolyte, rue de la Paix - Supplémentaire de Richouet Bayard, rue de la Paix - et rue de Valenciennes - Parfums de Bogrand, rue de Valenciennes 309 - C. Lippes de la Maison de*

voa-se n'um minuto: ás vezes aquelles que estavam separados encontrão-se subito reunidos, como por encanto: ás vezes n'um dia ha um mundo inteiro entre nós; no outro dia a enas um muro. É mister pois estarmos preparados sempre para sustentar o choque das mais fortes impressões; convém mesmo andarmos armados contra a alegria como se andassemos contra a dôr.

— Oh! meu Deus! murmurou a marquesa de Fenestranges, juntando as mãos, eu não sei... Não me atrevo a adivinhar: mas presinto que nos trazes alguma noticia bem importante, meu querido sobrinho.

O marquez reprimiu todo o signal exterior de agitação: d'ahi inclinando-se para o rico fogão de porcelana que ali estava aceso:

— Continúa, diz elle.

— O objecto é bem delicado, proseguiu Leoncio, mas se devo julgar pela commoção de minha tia, parece-me que já fui comprehendido. Supponha V. Ex.<sup>a</sup> que eu estava encarregado de solicitar o seu perdão em favor de uma pessoa que por dous annos de soffrimentos, de remorsos, de pobreza, de humiliações; por um martirio de cada dia, de cada instante, já pagara o erro de uma hora.

— Falias tu daquella que já foi minha filha?! exclamou o marquez levantando-se, e caminhando precipitadamente pela sala.

— E se eu fallasse de la?

— Nem mais uma palavra eu te ouviria.

— Oh! meu querido tio, não pronuncie semelhante cousa... O perdão deve sempre coroar o arrependimento. Deus mesmo o escreveu á frente do seu Evangelho. Que merito haveria ahí em amarmos sómente aquelles que nunca faltarão ao seu dever para com nosco! Meu tio bem sabe que quando um peccador derrama uma lagrima na terra os anjos cantão hymnos no Céu.

— E tu recebeste carta della?!

— Ainda mais: — via-a.

— Está ella aqui?!

E o marquez cheio de indignação queria retirar-se, mas Leoncio pôe-se-lhe diante, e com uma voz que abrandaria feras:

— Consente meu tio em ve-la? lhe perguntou elle.

— Ve-la! oh! nunca.

— Meu tio! oh! perdoe lhe.

— Não; ella já é morta para o mundo, deveo ser tambem para mim.

— Oh! meu tio! Se a minha ternura lhe consagrou os cuidados de filho, se eu partilhei todas as suas dores, seja este perdão que agora lhe peço a minha unica recompensa. Não quero outra — nunca quererei outra.

O noivo já se esqueceu das injurias; porque é que o pai se ha de ainda lembrar de resentimentos?

— Dize-lhe que me não appareça. Se ella se apresentasse diante de mim, daqui mesmo eu a expulsára...

— Pois expulse a, se pôde.

E levantando o reposteiro que encobria a porta do gabinete, arrancou vivamente a trémula Julia do logar em que estava, e veio ella cahir de joelhos no meio da sala, estendendo os braços para

seus nobres pais. A marquesa feriu á abobada com um grito, e debulhou-se em lagrimas. O marquez, cujo rosto se ostentava desfigurado pelas mais oppostas paixões, recuou no primeiro impeto, porém, cedendo immediatamente aos transportes do amor paterno, abaixa-se para Julia, levanta-a do chão, aperta-a fortemente ao peito, e duas vezes bradárão unisonas: — Minha filha!

Passou-se um momento de silencio, interrompido apenas por soluços. O marquez e a marquesa de Fenestranges estavam extaticos; olhãvao enlevados para sua filha, e dahi um para o outro; dahi abraçarão-se, dahi choravão, dahi disputavão um ao outro esta filha prodiga, e aos beijos que lhe davão succedião palavras sem nexo que lhe dirigião para a confortar. Era um espectáculo suavissimo e melancolico: — era uma formosa manhã depois da tempestade. E Leoncio estava de parte a ver esta scena de ternura, sem a querer perturbar; e este momento por si só o compensava de todos os sacrificios.

Quando a commoção em que o marquez estava lhe permittiu fallar com mais ordem, disse elle á Julia.

— Minha filha, tranquilisa-te; nós todos sabemos quanto has soffrido; largo pagaste tu á desgraça a tua vida: não é justo que duas vezes sejas castigada.

— Oh! meu amor, minha filhinha, sempre bella! exclamou a mãe, torna, torna a entrar neste teu ninho.

Julia levantou os olhos para o Céu, arrancou um profundo suspiro, e esforçando-se por vencer-se a a si mesma, taes palavras respondeu com uma voz lenta e comprimida:

— Ai de mim! que me propoem meus pais! É o paraíso! É a sorte de uma mulher pura, que pôde levantar a fronte diante de todos! Porém elles, esquecendo-se que eu me desdorei, esquecem-se que, para amortecer o effeito da minha criminosa fugida, cujo rumor se espalhou por fóra apezar de todas as cautelas, elles annunciárão que eu era morta. E podem meus pais hoje annullar a sentença que elles proprios pronunciárão? Podem elles resuscitar-me aos olhos do mundo assombrado? E quando meus pais me dessem a vida, restituir-me-hião a boa reputação, sem a qual somos nós a fabula dos homens? oh! meu pai! Talvez ainda alguem duvide se eu fui criminosa; mas a minha presença seria uma prova gravissima contra a gloria do seu nome.

— E que importa! Eu tenho mais necessidade de ti do que da estima de ninguem. Fica, fica, não me queiras lacerar o coração ausentando-te.

— Senhor marquez de Fenestranges, replicou Julia, com o tom de uma alma inspirada, lembre-se V. Ex. dos seus antigos principios, tão rigidos, tão inflexiveis.

Quantas vezes, ao mostrar-me o escudo das suas armas, me não leu a diviza que as torneão? «Tudo pela honra!» A honra! sempre V. Ex. lhe foi fiel. — sempre; e não é agora, que os seus cabellos alvejão como as plumas do cysne, que V. Ex. permittirá que alguem os manche.

Nunca me atrevi a esperar o seu perdão, antes

Deus me deu forças para comprehender as obrigações que me erão impostas.

Assentei portanto que não devia hesitar entre o coração e o dever; e já que a mim mesmo me exilei da virtude, quiz tambem exilar-me da felicidade. Votos solemnes e irrevogaveis me chamão para longe daqui.

— Que queres tu dizer?! perguntou o Marquez.

— Minha filha! exclamou a mãe de Julia.

— Meu Deus! murmurou Leoncio, cobrindo o rosto com ambas as mãos.

Então, abrindo um pouco o manto de seda que a envolvia, deixa Julia entrever um habito de burel pardo, e uma tosca cruz de madeiro, suspensa ao collo por uma fita preta, e diz a seus pais com uma voz celeste:

— Sou freira carmelita!

### A Superstição.

Poucas pessoas confessarão que são supersticiosas, e muito menos será o numero dos que não estejam sob a influencia de receios supersticiosos, porque é quasi geral o susto de tudo que nos parece sobrenatural. Aquelles que mais escarnecem dos fantasmas e dos lobis-homens, muitas vezes apressarão o passo ao ouvir em um cemiterio uma voz pavorosa pela meia noite, e o mesmo philosopho, superior a terrores imaginarios, muitas e muitas vezes se envergonhará, ao pensar que a imaginação vence o seu juizo. A razão deste geral sentimento em grande parte é devido ás impressões que recebemos na nossa infancia. A historia de nossas amas, aias e criadas nos trazem á lembrança idéas, que a nossa idade pode julgar menos razoaveis; mas a sua influencia, em maior ou menor gráo, a sentimos em quanto vivemos. É na infancia que geralmente recebemos aquellas impressões, que os annos futuros jámais podem desarraigar; e um facto bastante humilhante para a natureza humana é que poucos individuos se encontrão, que por vezes não tenham experimentado os incommodos que trazem consigo os sentimentos mais ou menos tocados pela superstição: e o que é mais, existem multidões inteiramente convencidas da realidade da interferencia dos espiritos nos negocios dos mortos.

Os que não estão habituados a reflectir, muitas vezes conservão até ao ultimo instante uma cega crença nas preocupações que bebêrão na sua mocidade. Taes individuos não põem em duvida as idéas que lhes insinárão na sua infancia, e para o que seus pais appellárão na sua ignorancia e incapacidade de educarem seus filhos.

Quantas e quantas vezes uma criança é ameaçada, se não deixar de chorar, de ser mettida no quarto escuro onde o papão a irá buscar!

Que fatal impressão não deve uma semelhante ameaça produzir n'um espirito tão debil e tenro!

É pois para esta gente, que assim pensa, que a superstição é forte, por que suas idéas se não achão assás cultivadas para lançarem de si o peso que as subcarrega. Ainda aquelles que recebêrão alguma

instrucção; mesmo aquelles que mais acostumados estão a examinar os seus sentimentos e indagar as razões em que se fundão, conhecendo a futilidade destes terrores panicos, não deixão comtudo em geral no decurso da vida de se acharem alguma vez sob o dominio das primeiras impressões que bebêrão na primeira infancia.

Hoje o acreditar em fantasmas é menos geral que em outros tempos; mas é ainda um erro, que deve ser desvanecido em muitas pessoas.

Consideraremos primeiro alguma das aparições que nos não são ordinarias, e que para os ignorantes parecem sebrenaturaes; mas que se podem explicar pelos conhecidos principios da philosophia e da sciencia natural. As chamas, a que chamamos fogo de Satelmo, que tantas vezes se observão nos topos dos mastros de uma embarcação durante o temporal, e nos pantanos, produzem grande terror e não poucas vezes grandes danos. Nestes fôgos não ha illusão. Uma pessoa vê na realidade uma luz, onde não existe quem a traga, e ignorante dos principios quimicos dos gazes inflammaveis e da combustão espontanea, julga que deve ser um fantasma. Poucos dias depois tem logar algum acontecimento, um visinho termina os seus dias, e uma pessoa supersticiosa immediatamente conclue, que o fogo que viu era um aviso sobrenatural do que havia de acontecer. As pessoas instruidas nas sciencias naturaes, não verião nesta aparição motivo algum de terror; mas sim um fenomeno natural digno de investigar-se.

Não só nos pantanos ve-se muitas vezes taes exalações, como tambem na madeira podre frequentemente dá-se o mesmo fenomeno, produzido por uma substancia chamada phosphoro. A luz que apresenta é tão pallida que se não pode ver em quanto é dia, mas de noite facilmente se descobre. Uma pessoa por brincadeira escreveu com um bocado de phosphoro na parede do quarto de um seu amigo — Esta noite morrerás — A luz do seu candieiro lhe não permittiu ver o que estava escripto; mas apenas a apagou, o effeito phosphorico foi visivel na parede: felizmente o sujeito conhecia o phosphoro e os seus effeitos, riu-se da brincadeira, voltou-se para o lado e adormeceu. No entanto a experiencia podia trazer bem tristes consequencias: um ignorante e de nervos sensiveis teria recebido um choque, cujos resultados não seria facil prever.

Walter Scott nos recorda um exemplo da applicação dos principios philosophicos na execução de um engano semelhante. «O fidalgo proprietario de certo palacio antigo nos confins da Hungria, quiz dar uma função digna da sua qualidade e da grandeza do antigo solar que habitava. Os hospedes necessariamente forão muitos, e entre elles achou-se um official de hussares conhecido pela sua bravura e coragem. Tendo-se feito todos os arranjos necessarios para que os convidados passassem ali a noite, disserão ao official, que com difficuldade se poderia accommodar toda a gente no palacio, a não haver alguém que quisesse dormir em um quarto em que dizião haver fantasmas; e como sabia-se que elle não era medroso, lhe proposerão o habitar n'aquelle quarto em quanto se demorasse no pa-

## THEATROS.

lacio, como a pessoa que ali menos incommodada seria,

O major agradeceu a preferencia que dellese fazia, e tendo-se demorado até alta noite nos divertimentos da companhia, se retirou depois ao seu quarto, jurando vingar-se de todo aquelle que se atrevesse a encommoal-o. ameaça esta que todos sabião que elle era capaz de pôr em pratica. O major deitou-se, deixando a luz acesa, e mettendo um par de pistolas carregadas debaixo do travesseiro.

Ainda não tinha bem adormecido, quando foi acordado ao som de uma musica solemne e lugubre. Olhou para todos os lados, e viu no fundo do quarto tres senhoras fantasticamente vestidas de verde, as quaes juntas cantavão um *requiem*. O major ouviu com prazer a musica por algum tempo; mas a final cançado e querendo dormir gritou.

— Senhoras! tudo isto é magnifico; mas nem sempre deve ser a mesma cousa; peço-vos que canteis outra peça.

As senhoras continuárão sem attender ao que se lhe dizia.

O major começou a enfadar-se; e afinal sentando-se na cama disse:

— Senhoras, devo considerar o que vejo e o que ouço como feito de proposito para me metter medo, e como isto me não parece bem procurarei acabar a festa por um modo pouco agradavel.

E começou a preparar as pistolas. As senhoras continuárão, sem mostrar attender a cousa alguma, e o major cada vez mais picado, lhes declarou, que apenas lhes dava mais cinco minutos para se calarem, e que no fim deste espaço infalivelmente faria fogo.

Nem assim o canto foi interrompido; passarão-se os cinco minutos.

— Ainda vos dou tempo para vos arreponderdes, contarei até vinte.

Nem ainda esta determinação produziu effeito algum: o major contou um, dous, tres, e á medida que ia chegando ao fim, repetiu mais de uma vez que fazia fogo: os ultimos numeros desesete, desoito, desenove, forão ditos com grande pausa, assegurando com voz alta que as pistolas estavam engatilhadas. As senhoras continuárão, e o major ao dar a voz de vinte disparou ambas as pistolas contra as cantoras. Mas estas, como se nada ouvissem, continuárão, e o major vencido pela pouca efficacia da sua violencia, adoeceu sériamente, e foi obrigado a estar de cama por tres semanas.

O caso todo reduzia-se a que as senhoras estavam n'um quarto proximo, e que as ballas se dirigirão só ás suas imagens que um espelho concavo reflectia no quarto em que elle dormia.

Esta historia, assim como outras muitas, pode explicar-se pelas leis da reflexão; supponmos que o engano se não houvera explicado, quem poderia fazer persuadir ao major que no quarto não havião almás do outro mundo? E ãem depressa se espalharia uma historia como a da Carochinha com que nos embalão.

Se o major tivesse o trabalho de levantar-se, como devia, em breve ficaria satisfeito: nada havia de sobrenatural e se pouparia á mortificação de se terem rido á sua custa.

Era o dia 28 de Março consagrado ás solemnidades do 14 e 25; quero dizer; nesse dia festejava-se o aniversario natalicio da nossa adorada Imperatriz, e o do juramento da Constituição Política do Imperio; assim se ligárão os festejos de dous grandes dias; assim se armonisárão as festas da realza com as populares; assim se entrelaçarão os dias 14 e 25; e este pensamento nos levaria mui longe, se este artigo não fôra somente dedicado ao *Bravo de Venezia*.

Apenas galguei as escadas do Provisorio e que a porta do nono camarote se abriu, fiquei sorprendida com a vista encantadora que o salão nos apresentou; grinaldas e festões de flores ornatávão todos os camarotes; arandellas em todos elles, com cinco lindos lustres pendentes de redor do grande, augmentavão a claridade do theatro; e na segunda ordem bandeiras verdes e brancas se entrelaçarão com as grinaldas que envolvião as iniciaes de Pedro e Theresa: encheu-se-me o coração de prazer imaginando gozar uma noite deliciosa: a guarda de honra que acabava de chegar alvoratou a todos; o movimento, o bulicio foi geral; mas ah! depressa se esvaecerão as minhas esperanças; de novo rufárão as caixas, e a guarda se retirou lentamente: não tardou muitos minutos, que se annunciasse de boca em boca, que SS. MM. II. não vinhão ao espectáculo, em consequencia da molestia de S. A. I.

Tudo entristeceu: em um dia de tanta gala, não se apresentou no Provisorio uma só farda! muitos camarotes vasio: a tribuna encerrada tudo annunciava tristeza só as platéas estavam apinhadas: rompeu o Hymno Nacional... acabou-se e nem um só viva partiu dos camarotes! Inundárão o ar papeis, flores e aves: mas qual? nem assim um só viva appareceu—emfim principiou o espectáculo, e as vibrações do Maestro Mercadante vierão infiltrar-se em nossas almas—: O coro de introdução seria de grande effeito se por ventura bons coristas tivessem de executar as inspirações do maestro: comtudo seguiu-se o lindo romance da Violeta intercalado de coros que lhe dá realce e belleza. A Sra. Candiani cantou bem a *Bello é il tuo ciel, Venezia*.

A scena e duetto do Bravo e Pisani realçou: ainda os Srs. Labocetta e Gentili derão novas provas de sua habilidade: ao Sr. Gentili com especialidade cabe as honras da opera: cantor de força e expressão comprehendeu habilmente o seu papel: não lhe ficou inferior o Sr. Labocetta: todo o dialogo foi excellentemente executado. Quando Pisani pergunta.

*E d'um padre?*

a resposta do Bravo, foi perfectamente interpretada pelo Sr. Gentili: ainda mais adiante, que elle se dá a conhecer,

Pis. *Il Bravo*

Br. *Innauri ei t'é*

e depois diz o Bravo a Pisani.

*Ah! Tu tremei ó givvinetto!*

Os dous artistas sobem de merito pela maneira

porque executarão o pensamento de *Rossi* e o do *Maestro*.

Cresce o merito da opera no segundo acto; a musica é forte e animada propria de um dia festivo e popular, contrastada com a confusão e desordem do povo em alarido e vaciferando; tem essa musica bellezas que devem ser ouvidas mais de uma vez; e pena é que a falta de bons coristas não dêem realce ao bom de empenho do spartitto; o duetto do *Bravo* e *Foscari* é excellente e o final do acto de muita transcendencia.

O 3.º acto vai redobrando de interesse; achamos porém a *Sra. Zecchini* um pouco fria: mas a *preghiera* foi bem executada: na segunda scena d'este acto o *Sr. Gentili* desenvolveu toda a sua habilitade, e o ouvimos com satisfação já dando toda a extensão á sua voz sem ferir os ouvidos, já modulando-a e exprimindo-se com delicadeza e suavidade: a narração que faz de sua vida excede a tudo quanto possamos escrever: cumpre ouvi-lo e observar como elle canta e exprime.

*Il vero io dissi, or te lo provo, m'odi*, e todas essas frases que seguem. A *Sra. Candiani* soube igualmente comprehender essa scena interessante: a pergunta de *Violeta*.

*Ed egli?*

e a resposta que segue.

*Del padre udi l'ultim'ora*

arrebatão. Supprimiu-se o duetto final d'esta scena, que dizem os intenedores, que além de não estar nas forças do *Sr. Labocetta*, nunca se cantou.

Entraremos no 3.º acto. O Palacio de *Theodora* está ricamente decorado; (achamos que a mascara de *Theodora* era horriavelmente caricata) *Violeta* trajou elegantemente e correspondia ao estylo da magnificencia: toda essa scena animada e viva arrebatou pela belleza da musica.

Ultimo acto: o duetto das duas damas é soberbo; o perdão que *Theodora* solicita da filha é bello e foi bem executado: o quartetto final d'esse acto é de primor e correu bem.

Terminaremos este artigo que já vai longo recommendando ás nossas leitoras o final da opera.

Louvores ao *Emprezario* que se esforça por agradar ao publico: no dia 7 de Abril teremos a *Eleonora*, tambem de *Mercadante*.

Rio 31 de Março.

*Délia.*

### Chronica da quinzena.

Terminarão-se os officios divinos da Semana Santa e entramos de novo no estado normal da vida mundana. Vão abrir-se as portas dos salões aos amantes de *Terpsicore*; vão as bellas elegantes fruir os gozos d'esses encantadores sarões e bailes, aonde se passam noites deliciosas.

Mas o que direi d'essa quinzena absorvida pelas festividades religiosas já habilmente descriptas neste e nos demais Jornaes? Quereis que vos diga que muitas meninas bonitas, donas, donzellas, gameinhos e beatas ficarão desapontados com a chuva de

quinta feira Santa? Pois foi verdade. Mesmo assim uns por devoção, outros por falta, outros por curiosidade, lá forão patinhando a lama das nossas ruas, a quem bem se póe applicar o antigo anexim.— Aprende o barbeiro novo na barba do tolo.— Não faltou quem andasse correndo a *via sacra*.

A procissão do enterro, desta vez foi como sempre, brilhante e solemne: sahiu ás 8 horas da noite e acabou já em sabbado d'Alleluia. Tivemos a Alleluia finalmente, sempre risonha e alegre, sempre desejada e bem recibida pelo fiel povo christão: e por fallar em christandade; sabeis que a abolição dos dias santos fez-me dar um solemne cavaeo? Abolirem o dia de S. José! o dia do nome do meu querido esposo! Dá-se cousa mais revoltante! Entretanto os Joãos e os Pedros estão cantando glorias, porque cada um tem o seu dia que lhe foi reservado! Quizera que me explicassem a razão desta distincção, ou antes desta parcialidade na escolha dos Santos da Côte Celeste; se é que com um tal exemplo não quiz o Papa dar aos homens um forte exemplo de resignação ás preterições que soffrerem neste mundo, pois que os Santinhos do Céu tambem forão preteridos!...

Desoito casamentos houverão nesta quinzena; e entre elles citaremos o do *Sr. José Ferreira de Paiva* com a *Sra. D. Clara Maria da Silva Rosa*. O *Sr. Paiva* teve a delicadeza de convidar todos os seus collegas da Contadoria Geral da Guerra para assistirem as suas nupcias. Reuniu uma brilhante companhia aonde apparecerão muitas moças bonitas; dançou-se até as duas horas da noite; neste intervallo o chá e a cêia forão servidos com toda a profusão, e por fim todos os convidados retirão-se captivos das maneiras attenciosas por que forão tratados.

Mil venturas ao *Sr. Paiva* e a sua consorte.

No dia 29 do corrente, pela volta das 5 horas da tarde SS. MM. II. dignão-se de lançar a primeira pedra do novo recolhimento de Santa Thereza. A' esta solemnidade concorrerão diversas pessoas gradas da cõrte, entre ellas o *Sr. Bispo Capellão Mór*, o de *Chrysopolis*, a *Exm.ª Sra. D. Engracia Clemente Pereira*.

Depois do acto solemne, SS. MM. II. se dignão aceitar um copo d'agua que pelos cuidados do *Sr. Visconde de Abrantes* lhes estava preparado.

O zelo do *Exm.º Sr. José Clemente Pereira* é infatigavel.

No theatro lyrico, em grande galla e elegantemente decorado, representou-se no dia 28 o *Bravo de Veneza* e um lindo bailado composiçãõ do *Sr. York*. Nesta mesma noite houve no theatro de S. Pedro baile mascarado, que foi bastante concorrido e muito interessante. No dia 31 representou-se o *Poeta e a Inquisiçãõ*.

E finalisei neste momento o mez de Março. Estou no dia das pilherias que é o 1.º de Abril; desejo, queridas leitoras, que não vos deixeis cahir em alguma lograçãõ das que se coatumãõ a fazer neste dia.

1.º de Abril.

*Délia.*

Com este n. 14 vai a estampa com vestuarios de fantasia de crianças.